

Uma análise do filme “A ONDA” a partir das teorias e práticas do ensino e aprendizagem
Denise Lima Rabelo, Evandro das Virgens Scarpati, Rogério Neves Passos

Uma análise do filme “A ONDA” a partir das teorias e práticas do ensino e aprendizagem

Resumo: O filme alemão “A Onda”, de 2008, é uma adaptação de um livro com o mesmo nome e que retrata uma experiência real conduzida pelo Professor Ron Jones numa escola americana de ensino médio. O Professor quis mostrar aos alunos, numa experiência vívida e real, que seria possível o (re)surgimento do regime nazista na Alemanha caso as condições necessárias estivessem presentes. O filme tem sido abordado de diversas formas, devido ao seu impacto em diversos campos do saber, e neste artigo optamos por analisar os pressupostos epistemológicos e as práticas educativas utilizadas pelo professor para atingir seus objetivos.

Palavras-chave: manipulação, vulnerabilidade, planejamento.

An analysis of the film “The Wave” based on teaching and learning theories and practices

Abstract: The 2008 German film "The Wave", an adaptation of the book by the same name, depicts a real-life experiment conducted by American high school teacher Ron Jones. The teacher wanted to show his students, through real, vivid experience, what a potential re-appearance of nazi rule in Germany would look like, in case necessary conditions were met. The film has been discussed in many different ways due to its impact in various areas of knowledge, and in the present article we have decided to the epistemological presuppositions and educational practices applied by the teacher in order to reach his goals.

Keywords: manipulation, vulnerability, planning.

Uma análise do filme “A ONDA” a partir das teorias e práticas do ensino e aprendizagem

Denise Lima Rabelo, Evandro das Virgens Scarpati, Rogério Neves Passos

INTRODUÇÃO

Para alguns estudiosos a aprendizagem se dá quando o comportamento muda em função do conhecimento e da experiência vivida, e no contexto comportamental ou behaviorista a aprendizagem é uma questão de “conexão entre estímulo e resposta”.

As diversas teorias de ensino e aprendizagem são construções datadas e situadas na história de diversos pesquisadores, que partiram de objetivos semelhantes - o desejo de entender como se dá aprendizagem humana – e trilharam, cada qual, seus próprios caminhos. Tais pesquisadores definiram e atribuíram pesos diferenciados a diferentes variáveis, consideraram ou não suas interconexões, e chegaram a conclusões que podem se complementar ou não. Daí o surgimento de teorias tão distintas.

Watson, o precursor da Teoria Behaviorista, deixa claro em seu trabalho que não lhe interessam os aspectos não observáveis do comportamento. Seu interesse é relacionar estímulos a respostas, sem se deter em qualquer aspecto relacionado ao que as pessoas pensam e sentem, mas sim no que elas fazem, sem qualquer discussão sobre consciência (MOREIRA, 2017).

Watson tinha maior interesse pelos estímulos, e não pelas respostas que poderiam ser apresentadas em função deles. O pesquisador se aproxima, portanto, da ideia de condicionamento do comportamento. Para ele, “toda aprendizagem era condicionamento clássico” (MOREIRA, 2017, p. 22).

Mais tarde, Skinner vai dar prosseguimento aos estudos behavioristas com uma nova percepção, porém alicerçada em pressupostos semelhantes, tais como descrito por Moreira (2017, p.50): “A abordagem skinneriana é essencialmente periférica. Ela não leva em consideração o que ocorre na mente do indivíduo durante o processo de aprendizagem. O que interessa é o comportamento observável [...]”.

No filme “A Onda” o professor Rainer Wenger, ao perceber que seus alunos duvidavam de que um regime semelhante ao nazismo pudesse surgir novamente na Alemanha, intempestivamente investe numa metodologia diferenciada, que propicia uma experiência. Ao criar o movimento

Uma análise do filme “A ONDA” a partir das teorias e práticas do ensino e aprendizagem

Denise Lima Rabelo, Evandro das Virgens Scarpati, Rogério Neves Passos

chamado “A Onda”, ele estabelece como princípios “força através da disciplina, força através da comunidade, força através da ação, força através do orgulho” e assim ele vai utilizando palavras de ordem, símbolos e expressões utilizadas por governantes autocráticos e fascistas, e de fato vai recriando um sistema desta ordem na sala de aula e que posteriormente extrapola seus limites.

De início os alunos passam a adotar uma postura corporal única, as carteiras são colocadas em fileiras e os alunos são agrupados autocraticamente pelo professor; também só poderiam falar com ele caso fossem autorizados e o chamassem de Senhor. Mais tarde sugere-se o uso de camisas brancas por todos os alunos e se vê também o início de uma diferenciação entre os alunos que compõem a “onda”, que agora se veem como especiais e superiores aos demais.

Não nos parece que o Professor tenha optado ou demonstre preferência por uma teoria ou abordagem educativa, mas fica claro que seu compromisso está voltado para o comportamento observável, sem demonstrar consideração às questões éticas envolvidas.

Ele simula as condições presentes num regime nazista, que já eram de conhecimento de sua turma, estimula os alunos a adotarem posturas autocráticas e a resposta é imediata: a criação de uma “onda” nazista na turma, na escola e em ambientes próximos dos alunos e alunas, comprovando que de fato era possível o surgimento de um regime totalitário caso determinadas circunstâncias estivessem presentes.

I - A VIOLÊNCIA DA METODOLOGIA DO PROFESSOR

Não é necessário que alguém cometa um crime para entender o que é ser um criminoso, mas o raciocínio seguido pelo professor segue nesta linha – ao se manter indiferente quando os alunos se mostram autoritários e são protagonistas de atitudes de desrespeito, discriminação e violência simbólica contra os colegas, imagina-se que o professor trabalhava com a ideia de uma tipologia pessoal de reforço negativo: ele mostraria que tais atitudes é que levariam ao nazismo (a

Uma análise do filme “A ONDA” a partir das teorias e práticas do ensino e aprendizagem*Denise Lima Rabelo, Evandro das Virgens Scarpati, Rogério Neves Passos*

resposta desejada em termos de comportamento). Os estímulos dados, porém, geram uma resposta que traz componentes imprevistos e que escapam ao controle do professor.

O que parecia inicialmente uma metodologia de aprendizagem criativa e interessante se mostra um desacerto que o professor é incapaz de perceber de imediato e de reparar. Apesar de ser alertado, de ser desobedecido, de ser questionado por uma minoria (que é repelida por todos e todas), ele insiste na estratégia, e neste caso podemos perceber que ele se situa no centro do processo, tal qual na pedagogia mais tradicional, de tal forma que não vê, não ouve, não sente o que os alunos dissidentes têm a dizer, e simplesmente os exclui - ele só queria comprovar que estava certo. Porém o filme foge aos apelos simplistas e maniqueístas e a partir dele não é possível demonizar ou romantizar a pessoa do professor. O que se mostra suficiente para análise são as atitudes tomadas, passíveis de muitos questionamentos.

Ao analisarmos as diversas reações dos alunos, podemos perceber que as mensagens emitidas pelo professor são melhores absorvidas pelos alunos que demonstram maior vulnerabilidade emocional e que encontram na metodologia utilizada pelo professor uma oportunidade de identificar culpados para a sua desesperança e falta de crenças, alternativas e objetivos. Estes alunos vão sendo gradativamente manipulados, enquanto outros, com menor vulnerabilidade emocional, duvidam e criticam os processos em curso, conversam a respeito com suas famílias e alguns dão início a uma outra onda, desta vez de denúncia e oposição.

Cabe destacar o posicionamento de Libâneo a respeito das contradições sociais existentes na escola, que também se encaixam nesta situação: “Um posicionamento pedagógico requer uma investigação das condições escolares atuais de formação das subjetividades e identidades para verificar onde estão as reais explicações do sentimento de fracasso, de mediocridade, de incompetência, que vai tomando conta do alunado.” (2005, p.2-3).

É importante destacar também que, para além do filme, é necessário investigar melhor o que leva algumas pessoas a absorver discursos como esse com tanta facilidade enquanto outras o rejeitam. A esse respeito, numa resenha publicada no site Ensino de Sociologia, Safatle chama a atenção para um aspecto importante:

Uma análise do filme “A ONDA” a partir das teorias e práticas do ensino e aprendizagem*Denise Lima Rabelo, Evandro das Virgens Scarpati, Rogério Neves Passos*

O filme, por sua vez, insiste na ideia clássica de que situações de anomia, famílias desagregadas e crise econômica são o terreno fértil para ditaduras. Um pouco como quem diz: lá onde a família, a prosperidade e a crença na lei não funcionam bem, lá onde os esteios do indivíduo entram em colapso, a voz sedutora dos discursos totalitários está à espreita. No entanto, se realmente quisermos pensar a extensão do totalitarismo, seria interessante perguntar por que personalidades autoritárias aparecem também em famílias muito bem ajustadas e sólidas, em sujeitos muito bem adaptados a nossas sociedades e a nosso padrão de prosperidade. Teríamos surpresas interessantes se estudássemos o perfil psicológico destes que atualmente votam em governos que criam sistemas globais de fichamento e controle de populações, rondas contra imigrantes, alimentam a xenofobia e a lógica da fronteira. (2009)

Acreditamos que o comportamento individual decorre em parte do processo de formação de cada pessoa, e que essa formação ocorre em espaços muito diferenciados, a começar pelo espaço da família ou de sua similar, e que novas vivências nos diversos grupos sociais, religiosos, culturais, etc. de cada um vão reforçando ou trazendo novos sentidos aos já existentes. A cada experiência, vinda de acontecimentos planejados e intencionais, como na escola, ou imprevistos e não intencionais, todo o sistema de crenças pode ser alterado para receber essa nova informação, compondo um processo ininterrupto de formação.

Além da formação, cada indivíduo tem suas características biológicas, psíquicas e outras, decorrentes de sua história de vida, influenciada por sua condição afetiva, econômica, social, numa dinâmica muito complexa que é difícil de determinar com precisão. Somem-se a tais fatores as muitas possibilidades de uma ciência da comunicação utilizada na política que é capaz de criar desejos e frustrações e teremos um cenário propício ao ressentimento e ao rancor social.

II – AS CONSEQUENCIAS DA FALTA DO PLANEJAMENTO

Outro aspecto que pode ser observado no comportamento do professor é a ausência de planejamento. Ao conversar inicialmente com sua coordenadora, ele reclama de não ter sido atendido no seu desejo de trabalhar o assunto “Democracia” na semana temática da escola. Ele ouve da Coordenadora que outro colega apresentou um planejamento daquele tema e já foi autorizado a lecioná-lo. O professor afirma que faria seu

Uma análise do filme “A ONDA” a partir das teorias e práticas do ensino e aprendizagem

Denise Lima Rabelo, Evandro das Virgens Scarpati, Rogério Neves Passos

planejamento no final de semana e demonstra bastante irritação com o fato de ter de falar sobre autocracia.

É bem expressivo que ao procurar o professor para negociar uma troca, ele ouve do mesmo que “prefere trabalhar com o tema Democracia porque não é necessário que os alunos aprendam a produzir coquetéis molotov para saber o que é.” Esta fala tão pequena, aliada ao visível distanciamento do professor de seus demais colegas, faz supor que possuía características excêntricas e que estas eram conhecidas, além do que demonstra que a escola não trabalhou coletivamente.

Segundo Castro, Tucunduva e Arns (2008), o planejamento de qualquer natureza passa a ser reconhecido como relevante na sociedade moderna a partir da Revolução Comunista e toma forma no mundo corporativo a partir da Segunda Guerra Mundial. Na Educação especificamente, o planejamento assume características específicas de acordo com regimes políticos mais ou menos democráticos, que anseiam por maior ou menor controle do trabalho dos professores. Assim, a prática do planejamento tende a ser vista com desconfiança e como burocrática e controladora pela maioria dos docentes, e por isso nem sempre é realizada.

Independente da restrição que o professor tenha ao planejamento, ele se mostra imprescindível para a prática docente. Falamos da atividade individual do professor, da necessidade do estabelecimento de objetivos, da identificação dos melhores meios e recursos para alcançá-los e dos critérios de avaliação dos alunos e de seu próprio trabalho.

A sala de aula não é lugar para improvisação numa situação como essa vivida pelo professor - havia a necessidade de elaborar o planejamento de ensino para a temática da Autocracia, a ser lecionada durante uma semana, entendendo-se o plano de ensino como “... a previsão dos objetivos e tarefas do trabalho docente para um ano ou um semestre; é um documento mais elaborado, no qual aparecem objetivos específicos, conteúdos e desenvolvimento metodológico.” (LIBÂNEO, 1994, p.222). Verifica-se no filme,

Uma análise do filme “A ONDA” a partir das teorias e práticas do ensino e aprendizagem

Denise Lima Rabelo, Evandro das Virgens Scarpati, Rogério Neves Passos

inclusive, que a metodologia surgiu de improviso, durante uma aula, e não foi objeto de maiores reflexões a respeito de sua condução.

Além do plano de ensino para a semana acadêmica, também seria necessário planejar cada aula, levando-se em consideração também que a semana temática parecia ser muito importante para a escola, consistindo num momento pedagógico relevante, que exigia preparação e cuidado. Sobre a falta de planejamento de aula, Fusari nos diz que

A ausência de um processo de planejamento de ensino nas escolas, aliado às demais dificuldades enfrentadas pelos docentes do seu trabalho, tem levado a uma contínua improvisação pedagógica das aulas. Em outras palavras, aquilo que deveria ser uma prática eventual acaba sendo uma “regra”, prejudicando, assim, a aprendizagem dos alunos e o próprio trabalho escolar como um todo (2008, p.47).

Luckesi esclarece o sentido de planejamento, demonstrando ele que não é um elemento burocrático do processo de ensino aprendizagem, mas sim

[...] um ato ao mesmo tempo político-social, científico e técnico: político-social, na medida em que está comprometido com as finalidades sociais e políticas; científicas na medida em que não pode planejar sem um conhecimento da realidade; técnico, na medida em que o planejamento exige uma definição de meios eficientes para se obter resultados (2001, p. 108).

O planejamento da aula se torna necessário para que se alcancem os resultados esperados, com o uso dos recursos disponíveis e escolhidos pelo professor. Porém o instrumento do planejamento fala de possibilidades e não de certezas. A medida que ele é desenvolvido, sua avaliação adquire contornos de escolhas de novos caminhos, caso se verifiquem desvios ou alternativas e possibilidades mais interessantes; Como não havia um planejamento, os desvios não foram vistos ou não foram considerados em sua importância e magnitude.

III - A AUTOCRACIA COMO DECORRÊNCIA DA DEMOCRACIA

Neste experimento o professor Rainer Wenger começa reproduzindo algumas práticas nazistas, como o uso de um slogan (poder, disciplina e superioridade), a adoção de um símbolo gráfico para representar a “Onda” e algumas saudações de honradez e

Uma análise do filme “A ONDA” a partir das teorias e práticas do ensino e aprendizagem

Denise Lima Rabelo, Evandro das Virgens Scarpati, Rogério Neves Passos

pertencimento entre membros do grupo. Apesar de terem conhecimento prévio a respeito do tema, quase todos os alunos vão se moldando ao regime autocrático em sala de aula e aderindo às suas representações. Os alunos e alunas tinham total liberdade para recusar o processo a qualquer momento, mas não fizeram isso, com apenas duas exceções.

O filme nos faz relembrar de autocracias que foram surgindo em regimes democráticos, como ocorreu recentemente nos Estados Unidos e no Brasil. Os governantes desses países foram eleitos apesar de seus discursos homofóbicos, xenófobos, misóginos, raciais e outros. Suas pautas, apresentadas em suas campanhas eleitorais, eram discursos de ódio contra os “culpados” como os imigrantes nos Estados Unidos e os “esquerdopatas” do Brasil.

No caso do Brasil, foi divulgada previamente pelo candidato eleito em 2018, durante a sua campanha, a intenção de privatização de serviços públicos essenciais, a retirada de direitos dos trabalhadores e as mudanças na Educação Básica, que de fato se efetivaram e trouxeram prejuízos incalculáveis à sociedade. Era possível antever também o processo de privatização que aconteceria com os serviços públicos de saúde, o que só foi impedido por causa da pandemia da COVID-19, que deixou clara a importância do patrimônio social representado pelo SUS.

O descaso e o negacionismo manifestado durante a campanha se materializou no corte de verbas públicas para as universidades. Todas essas possibilidades eram visíveis e foram divulgadas amplamente, direta ou indiretamente, pelo candidato eleito. Ainda assim, sabemos que servidores públicos, especialmente professores, fizeram essa escolha.

No livro “Como as democracias morrem”, os autores Levitsky e Ziblatt (*apud* Maciel, 2019) esclarecem que as democracias não “morrem” mais em conflitos armados como aconteceu ao longo da história e sim por meio dos votos. Eles afirmam que “em não raras as ocasiões, a tomada de poder se dá por voto popular” (p.2).

Uma análise do filme “A ONDA” a partir das teorias e práticas do ensino e aprendizagem

Denise Lima Rabelo, Evandro das Virgens Scarpati, Rogério Neves Passos

Como afirma Maciel:

A ideia de usar a própria democracia para destruí-la não é nova. Hannah Arendt, em “Origens do Totalitarismo”, diz que “tem sido frequentemente apontado que os movimentos totalitários usam e abusam das liberdades democráticas com o objetivo de suprimi-las” (ARENDR, 2013, p. 281). Já Norberto Bobbio, em “O Futuro da Democracia: uma defesa das regras do jogo”, declara que “nada ameaça mais a democracia do que o excesso de democracia” (BOBBIO, 1992, p. 26). Assim, conclui-se que o ponto de partida para a desconstrução da democracia é o ideal democrático de reconhecer direitos sob o máximo de perspectivas possíveis. (2019, p.3)

Indo além do fato das democracias permitirem livremente as manifestações, o que importa é nos perguntarmos por que tais intenções, comportamentos e manifestações existem; fugindo do simplismo maniqueísta também podemos refletir sobre a nossa natureza, a natureza da espécie humana. O filme é um texto esclarecedor e pedagógico a ser lido com cuidado.

Observamos que quando as aulas iniciam, o professor fica entusiasmado com a adesão dos alunos e busca leituras para aumentar seu repertório de estímulos ao nazismo. Não há uma explicação única e nem plausível que possa justificar completamente as atitudes de alunos e do próprio professor e nem de entender completamente por que a experiência se mostrou tão sedutora para ambos. O acontecimento é complexo e atravessado por estímulos, paixões, ausências, desejos, frustrações, e muitos outros sentimentos próprios da condição humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Professores não são e nem precisam de modo algum ser pessoas perfeitas e o mesmo vale para qualquer outro profissional. Quando erramos, esses erros podem causar danos que podem ser avaliados dentro de um *continuum* que vai desde aqueles que não causam consequência alguma, não são sequer perceptíveis a outros olhos, passando por aqueles de consequências leves e chegando até as tragédias irreparáveis, como aconteceu no filme.

Uma análise do filme “A ONDA” a partir das teorias e práticas do ensino e aprendizagem

Denise Lima Rabelo, Evandro das Virgens Scarpati, Rogério Neves Passos

Não há como prever ou evitar todos os erros, mas o conhecimento do professor, seu processo formativo sempre em curso, o planejamento das aulas, a avaliação transparente e respeitosa de seus alunos e de si mesmo pode evitar danos irreparáveis, como a seqüela emocional que possivelmente ficou nos estudantes e no próprio professor por terem vivido uma experiência tão intensa, desastrosa, traumática e desnecessária para o aprendizado,

É certo que aprender pode gerar desconforto, mas existe um limite ético que não está previsto exatamente em qualquer processo de formação de professores, seja ela inicial ou continuada. O conhecimento, a sensibilidade dos professores, o compromisso com a formação de seus alunos e alunas e seu objetivo de construir um mundo melhor podem fazer a diferença. Utilizar no ensino, estratégias que são comumente reconhecidas como manipulação, por exemplo, foi um erro.

Concluimos estas considerações relembrando os versos do compositor Chico César ao pedir: “Deus me proteja de mim, E da maldade de gente boa, Da bondade da pessoa ruim”.

Uma análise do filme “A ONDA” a partir das teorias e práticas do ensino e aprendizagem
Denise Lima Rabelo, Evandro das Virgens Scarpati, Rogério Neves Passos

REFERÊNCIAS

CASTRO, Patricia Aparecida Pereira Penkal de; TUCUNDUVA, Cristiane Costa; ARNS, Elaine Mandelli. A importância do planejamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente. **ATHENA, Revista Científica de Educação**, v. 10, n. 10, jan./jun. 2008

DIE Welle (Original) A Onda (em Português). Direção de Dennis Gansel. Produção de Christian Becker e Martin Moszkowick. Intérpretes: Jürgen Vogel, Frederic Lau e outros. Roteiro: Dennis Gansel e Peter Thorwarth. Música: Heiko Maile. Alemanha: Constantin Film Produktion GmbH e Rat Pac Filmproduktion GmbH, 2008. (107 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zG3TfjAhs30&ab_channel=ALuzMcOficial. Acesso em: 20 out. 2021.

LIBÂNEO, J. C. As Teorias Pedagógicas resignificadas pelo debate contemporâneo em Educação. In: **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. São Paulo: Alínea, 2005. Organizado pelo autor em colaboração com Akiko Santos.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 21ª. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2001. (p.102 a 119)

MACIEL, Daiane. **Resenha**. Como as democracias morrem. *Revista Idealogando*, v. 3, n. 2, p. z-w, 2019. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/idealogando/article/download/242320/pdf>. Acesso em 09 de dezembro de 2021.

MOREIRA, Marco Antonio. **Teorias de Aprendizagem**. 2 ed. São Paulo: EPU, 2017.

SAFATLE, Vladimir. **Afinal, de onde vem a onda?** Disponível em <https://ensinosociologia.milharal.org/2009/11/03/resenha-do-filme-a-onda/>. Acesso em 06 de dezembro de 2021.